

Erundina demite para evitar dano à campanha de Lula

Marcos Emílio Gomes

SÃO PAULO — Duas semanas depois da denúncia de suborno na Prefeitura de São Paulo, feita pelo candidato do PSD, Ronaldo Caiado, no debate dos candidatos a presidente da República na TV Bandeirantes, a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, exonerou ontem de seus cargos o secretário de Negócios Jurídicos do Município, o vice-prefeito Luis Eduardo Greenhalgh, e seu chefe de gabinete, Luis Eduardo de Almeida Curti, por envolvimento na confusa história de corrupção já batizada de caso Lubeca.

Greenhalgh, que admitiu há três dias ter recebido uma proposta de dinheiro para a campanha do candidato do PT a presidente, Luis Inácio Lula da Silva, continuará como vice-prefeito, por se tratar de cargo conquistado em eleição.

"Vou me afastar de todas as atividades da prefeitura", disse Greenhalgh, nervoso. Acrescentando que não queria dar entrevistas, o vice-prefeito deixou a sede nacional do PT, no bairro de Vila Mariana, no final da tarde, após reunir-se com o presidente do partido, deputado federal Luiz Gushiken, e com o secretário-geral nacional da agremiação, deputado estadual José Dirceu. "Vou viajar e esfriar a cabeça", finalizou Greenhalgh. Sua exoneração pela prefeita Erundina ocorreu após uma reunião entre ambos, pela manhã, na qual concluíram, de comum acordo, pela exoneração.

Numa curta, porém dura nota de esclarecimento divulgada no início da tarde, a prefeita Luiza Erundina informou ter aceitado o pedido de exoneração de Greenhalgh "com base na avaliação dos depoimentos colhidos até o momento pela Comissão de Averiguação que apura a denúncia". Ainda conforme a nota, a decisão "se prende ao entendimento de que houve quebra da relação de confiança que se tem por indispensável ao exercício das funções de assessoria direta à chefia do Executivo".

Confiança — No entendimento da administração municipal, Greenhalgh não correspondeu a essa confiança ao não revelar imediatamente a proposta ilegal recebida em meados de outubro. O vice-prefeito só agora contou ter recebido tal proposta e negociado com os autores da oferta a troca do dinheiro por uma creche para o município, segundo ele mesmo narrou à comissão de averiguação.

Na última segunda-feira, o vice-prefeito contou à comissão de averiguação que seu chefe de gabinete, Almeida Curti, fora procurado pelo advogado José Firmo Ferraz Filho, representante da Lubeca Empreendimentos Imobiliários, que oferecia dinheiro para a campanha do PT num gesto de reconhecimento à eficiência das negociações entre a prefeitura e a empresa para aprovação de um projeto imobiliário com 35 prédios residenciais e 12 de escritórios na valorizada Zona Sul da cidade.

Greenhalgh disse ter recusado prontamente a oferta e se prontificado a receber representantes da empresa para obter a doação de uma creche ou outro equipamento à prefeitura. Essa reunião ocor-

reu dois dias depois do debate na TV Bandeirantes, em 6 de outubro, e o contato do advogado Firmo Ferraz com Curti dera-se na semana anterior. Ouvido ontem na Comissão Especial de Inquérito da Câmara Municipal de São Paulo que apura as mesmas histórias, Firmo Ferraz negou que tenha falado em dinheiro para o PT e atribuiu a narrativa de Greenhalgh a "um mal entendido".

Trama — Este foi apenas o episódio mais recente de uma intrincada trama que a comissão de averiguação, as polícias Civil e Federal, a promotoria do Estado e a Procuradoria Regional Eleitoral vêm tentando entender desde que Ronaldo Caiado levou o funcionário da Lubeca Paulo Celso Albanese Argento à sede da Polícia Federal para denunciar corrupção na Prefeitura de São Paulo em pleno domingo, dia 22 último, às 22h. Argento, que não apareceu mais no seu emprego na tesouraria da Lubeca, sem contar sua história em outro lugar além da Polícia Federal, denunciou ter ouvido comentários na empresa de que dois cheques cujos números ele anotou tinham sido emitidos pela construtora para pagamento de serviços que não existiram. Seria, conforme ele relatou, uma maneira de desviar dinheiro para a campanha de Lula, cumprindo um acerto com a Prefeitura de São Paulo. Depois disso, Argento desapareceu.

A Lubeca provou logo no início da semana passada que um desses cheques, destinado, em princípio, à empresa de táxi aéreo Bel Air, jamais saiu de sua tesouraria, pois o serviço contratado acabou não sendo usado, de cordo com o gerente-geral da construtora, José Maria Simões. Já o outro cheque percorreu um caminho tão sinuoso quanto o fio condutor dessa novela. A Lubeca diz que o cheque, de NCz\$ 900 mil, foi dado à empresa Tertec, Comércio e Técnica de Serviços em pagamento a obras civis concluídas naquele projeto imobiliário, chamado Tangará-Panamby, em agosto.

Evidências — O dono da Tertec, Osmar Cássio Rossato, que após um súbito desaparecimento apresentou-se anteontem para depor à comissão de averiguação, sustenta a mesma coisa, mas há evidências no terreno da Lubeca, constatações entre outros pessoas pelo promotor público Dráusio Lúcio Barreto, de que esses trabalhos foram feitos neste último final de semana, às pressas. Sábado passado, oito seguranças da Lubeca chegaram a colocar tratores diante da entrada do terreno para impedir que técnicos do Instituto de Criminalística colhessem material para determinar a idade dessas obras. Domingo a polícia conseguiu entrar e o resultado dessa análise é aguardado para os próximos dias.

Osmar Rossato também deixou meia dúzia de dúvidas no ar, dizendo que não tem funcionários, trabalha com subempreiteiras cujo nome não quis revelar e preencheu um cheque de NCz\$ 837 mil (em cima dos NCz\$ 900 mil recebidos) entregue a uma corretora de valores que também não identificou. O promotor Lúcio Barreto aguardava ontem do Banco Central informações sobre o destino final deste cheque. "Já temos certeza de que a Tertec não o entregou a uma corretora", garantiu o promotor.